

H I S T Ó R I A

& U T O P I A S



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

*Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História*

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

UTOPIAS EDUCACIONAIS DE MARIA LACERDA DE MOURA

Miriam Lifschitz Moreira Leite
Universidade de São Paulo

Apresento, hoje, as exteriorizações da Utopia Educacional de uma mulher que as viveu de 1919 a 1937 intensamente. Mas na verdade sentiu-as, pensou-as e exteriorizou-as em toda a sua vida, de 1887 a 1945.

Trata-se de Maria Lacerda de Moura que apresentei como um caso exemplar de Rebeldia em minha tese de doutoramento, publicada pela *Ática*, em 1984.¹ Suas convicções anti-institucionais foram expressas e vividas com tal profundidade que me propuzeram muitas dúvidas se seria adequado enquadrá-la dentro das normas, cada vez mais rígidas, da instituição acadêmica.

Praticado esse delito de descaracterização — transformando uma anarquista-individualista numa tese de doutorado — fui criticada pelo pioneiro dos estudos anarquistas brasileiros, Edgar Rodrigues, por tratar em tom ponderado e morno de uma vida vibrante e superlativa.

Esses desencontros habituais nos trabalhos históricos, entre tempos e tendências, foram uma constante na vida de Maria Lacerda. Inicialmente foi repelida pelos conservadores e ultramontanos de sua cidade. O individualismo de suas ações, seu tom franco e brutal, a recusa de fazer parte de um côro, estabeleceu conflitos e polêmicas em torno de sua atuação entre anarquistas e comunistas e o silêncio da grande imprensa. A própria adesão à comunidade de Guararema, de adeptos da resistência passiva e da não-violência, não era tranquila, na medida em que suas convicções sobre os papéis da mulher não se conciliavam com as de seus companheiros, principalmente na prática. E esse desencontro continuou após os 50 anos de silêncio que se seguiram à sua morte. A recuperação de sua vida e obra foi também desvalorizada por um clima universitário de formas popularizadas

1 Miriam Lifchitz Moreira Leite, *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*, São Paulo, 1984.

do marxismo, para aos poucos, suas idéias irem sendo redescobertas pelos movimentos de 68.

Dada a restrita difusão da obra de Maria Lacerda de Moura, remeto aos interessados a publicação de *Outra face do feminismo*, da Ática, onde reproduzi, como introdução de cada capítulo, algumas de suas páginas analisadas a seguir.

Antes de mais nada, Maria Lacerda de Moura foi uma educadora. A diversidade de sua atuação, em escolas normais, em suas aulas particulares, na imprensa, em conferências, polêmicas e conflitos e em lugares diferentes correspondem à vida de mulher de classe média baixa, cujo único capital simbólico era um curso de Escola Normal em Barbacena, no Estado de Minas Gerais, em seus impactos com uma consciência social e uma força de realização incomuns. São esses impactos que produzem na trajetória da educadora etapas distintas: de início ligada a Escola Normal de sua cidade, já com germes do pensamento utópico em sua atuação; depois, aliada em São Paulo a grupos operários anarquistas e comunistas, em formas alternativas de Educação, através de conferências e jornais para integrar-se, finalmente, a uma comunidade utópica anarquista em Guararema, entre Mogi das Cruzes e Jacarei.

Uma experiência infantil parece ter marcado profundamente as opções de Maria Lacerda de Moura pelas desmistificações das convenções sociais. Foi castigada injustamente ao revelar algo que testemunhara. Curiosamente, Rousseau e Fourier tiveram experiências semelhantes, que os fez aspirar à transparência nas relações sociais, procurada, às vezes, de forma incoerente, mas constante. Ao perder, com essa experiência fundamental a confiança na família consanguínea, passou a vida em busca de afinidades eletivas que lhe permitissem ser iluminada e conseguir iluminar outros caminhos.

Na primeira etapa de sua atividade educacional Maria Lacerda de Moura participou da Utopia da criação de uma Nação Brasileira, através da educação de seus 80% de analfabetos, por volta de 1920. É um período da vida brasileira em que a República tomava consciência da heterogeneidade de sua população, através do território e das camadas sociais e grupos étnicos para quem a Pátria ainda não se tornara uma coisa pública. Retomando o positivismo dos chefes do exército e aliando-o ao iluminismo dos Pioneiros da Educação, criou-se a Utopia Nacional que seria a missão a ser desencumbida pelas professoras primárias. É quando Olavo Bilac desencadeia paralelamente campanhas de alfabetização e a do serviço militar obrigatório, divulgando por livros didáticos e poesias que “criança não verás país nenhum como este.”

As professoras, e Maria Lacerda de Moura entre elas, responderam com entusiasmo ao apelo e raras são as pessoas que não tem lembrança ou leitura

dessas mestras da década de 20 e 30 que formaram patriotas e conservaram e aperfeiçoaram sua missão de transmitir e provocar um sentimento de pertencer a nação brasileira através da reprodução do conhecimento que tinham adquirido.

Ainda que procurando aperfeiçoar os meios de transmitir a cultura de sua geração e acreditando sempre na força regenerativa da educação, Maria Lacerda começou a sentir e a pensar na dissociação existente no âmbito da reprodução social. A escola oficial propiciava bens culturais que só podiam ser apreendidos pelos que detinham recursos para decodificar a sua simbologia. Sua experiência com as discriminações sofridas na escola de freiras de Barbacena e em seus contatos com mulheres da classe dominante do movimento sufragista deram a Maria Lacerda instrumentos para criticar uma educação que detém privilégios e os reproduz. Como Bourdieu e Passeron viriam a explicitar quatro décadas depois: “o sistema de ensino estabelece uma igualdade formal dos alunos e exclui, pelo anonimato, a consideração das desigualdades reais diante da cultura.”²

Em 1921, em São Paulo, Maria Lacerda edita uma revista *Renascença*, colabora em jornais anarquistas, anticlericais e comunistas, em revistas burguesas e apresenta comunicações no Congresso de Educação de 1922.

A educação da mulher e sua emancipação a preocupam, mas não acredita mais no sufrágio. A luta política contra as discriminações sociais de todos os tipos radicaliza-se num antifascismo e num anticlericalismo exacerbados conservando, contudo, a confiança na ação educacional escrita e oral como instrumento dessa luta que considera de emancipação humana. Escreve *Ferrer, o clero romano e a educação laica* não só para divulgar a Escola Racionalista de Ferrer, como para criticar sua negligência com as tendências humanas de sonho e fantasia. Aproximou-se do que foi chamado de *Proletcultura*, que seria uma forma de educação dos explorados, transmitindo-lhes a ciência e a arte dos exploradores.

Seu pacifismo — a não-violência de Tolstói, Gandhi e Romain Rolland — foi propagado através de uma intensa atividade, possível de ser verificada em sua obra jornalística, em sua bibliografia, como também na que deixou por publicar. Sempre através da educação que continuava a considerar “uma das mais extraordinárias energias conducentes às grandes transformações sociais, ou melhor: é a mais poderosa força revolucionária”.

Apesar de ter a pena como arma, como Lucaks que entregou a sua caneta ao ser intimado a depor as armas,³ foi incriminada de ter deflagrado o

2 *Los estudiantes y la cultura*, 1967, pp.101-10

3 M. Lowy, *Redenção e Utopia: O Judaísmo Libertário na Europa Central*, São Paulo, 1989.

empastelamento do *Il Piccolo*, jornal fascista de São Paulo.

A terceira etapa da Utopia educacional de Maria Lacerda de Moura deixou vestígios concretos, e ainda não foi bem compreendida. Passou a viver numa comunidade agrícola, que era uma tentativa de se isolar do Estado burguês, da Igreja (católica), das forças deletérias e desumanas do capitalismo industrial, do fascismo em ascensão e dar vazão, numa vida ligada à Natureza, sem pátria nem patrão, a uma existência de Harmonia com as forças cósmicas, antevendo o fato mais importante neste fim de milênio — a consciência de que “a pátria é o planeta, a Terra”.⁴

Ao mesmo tempo, profundas dúvidas sobre as possibilidades de educar reforçam suas crenças espirituais de que cada um só pode educar a si mesmo. Viveu aí o ideal de uma comunidade igualitária, de revolta antiautoritária e de revolução do espírito. O que não a impediu de ter funcionado como mestra dos filhos de seus companheiros italianos, espanhóis e franceses, desertores da Primeira Guerra Mundial na comunidade de Guararema, nem que ainda escrevesse um livro de português, para Escolas Comerciais, no Rio de Janeiro.

Não deve ser esquecido outro aspecto de seu anarquismo: — trata-se da situação da mulher, para a qual chamou a atenção de diversas maneiras. Em 1922, sugeria que se estudasse História da Mulher nas escolas e, durante algum tempo, considerou a educação da mulher como fundamental para a emancipação feminina.

A medida que sua visão rebelde se expandia afastou-se das associações sufragistas, de mulheres burguesas. Não deixou, contudo, de estudar aspectos da condição feminina dentro e fora da família, discutindo através dos jornais questões como o amor plural, a maternidade consciente, o poder do Estado e da Igreja sobre a Mulher e a Criança. Mais que seu estilo panfletário e exacerbado, mais que a sua intolerância é possível que seu rompimento do segredo cuidadosamente cultivado em torno da família e das relações de poder entre seus membros a tenha tornado mal vista na imprensa burguesa e tenha condenado essa “voz feita para falar” ao esquecimento e ao silêncio.

A rebeldia social de Maria Lacerda de Moura, ao desfazer a rígida separação entre a esfera privada e a esfera pública rompe as defesas na família, mantidas através da dissimulação e do mascaramento dos comportamentos íntimos, tanto dos opressores quanto dos oprimidos. O segredo é uma forma de proteção à solidariedade criada na esfera doméstica, onde é estimulada uma defesa agressiva contra os de fora. Através do medo e da culpa, a mulher é mantida na área privada e sua exposição física, espiritual ou simbólica na área pública continua frequentemente a ser

4 Edgar Morin, *Terre Patrie* apud Anne Brigitte Kern. Paris, 1993.

equiparada a formas de prostituição. Em seus artigos de jornal e em seus livros Maria Lacerda de Moura revelou ainda as relações entre a família burguesa e a marginalização da mulher solteira, além da estimulação da prostituição dentro e fora do casamento.

Ultrapassar a barreira entre a esfera privada e a pública não foi um problema apenas para Maria Lacerda de Moura, no Brasil das décadas de 20 e 30. Na Autobiografia de Golda Meir,⁵ imigrante judia-russa para os Estados Unidos, que chegou a ser Primeira Ministro de Israel, é possível verificar que mesmo nessa socialista, dedicada ao seu povo, o sentimento de culpa foi intensificado pela família consanguínea e pela família conjugal e a Autora, considerada por muitos como intransigente, parece estar sempre se desculpando ao enumerar os cuidados e as distrações que proporcionou aos filhos, apesar de suas atribuições oficiais. É dela mesma que se conta a piada segundo a qual Ben Gurion teria comentado que o único homem em seu ministério era Golda Meir. Se o comentário fosse inverso, observou ela, todos os seus companheiros de ministério se sentiriam ofendidos. As duas, Golda Meir e Maria Lacerda foram contemporâneas, a primeira teve uma experiência no kibutz e a outra na comunidade de objetores de consciência à guerra.

De outro lado, mesmo Afonso Schmidt, tão compreensivo com Giovanni Rossi da Colônia Cecília, em sua reconstrução do caso de amor de Cardias, no princípio do século, autor do único necrológio mais extenso e reflexivo de Maria Lacerda de Moura⁶ sugeriu que sua opção de viver retirada em Guararema “numa choupana”, provinha de desequilíbrio. Muitos socialistas que ouviram falar dela, diante de suas idéias de que somente uma pessoa não esgota toda a capacidade de amar de outra, a que deu o nome de amor plural, a ridicularizaram ou deixaram de considerá-la uma intelectual digna de respeito.

Em 1977, François Laplantine, antropólogo, caracterizou a Utopia, o messianismo e a possessão como vozes do imaginário social,⁷ caracterizando cada uma dessas formas através de suas concretizações. Apontou a confusão frequente que vem sendo feita entre o pensamento utópico e o ideal anarquista, enamorado do gozo, da fantasia e do romantismo.

Mostrou que o que caracterizou as utopias implantadas, foram antes o racionalismo, o cientificismo e o utilitarismo e a intolerância a tudo o que

5 Golda Meir, *Minha Vida*, Rio de Janeiro, 1976.

6 Afonso Schmidt, “Maria Lacerda de Moura” in *Bom Tempo*, São Paulo, 1958.

7 François Laplantine, *Mesianismo, Posesión y Utopía: Las Tres Voces de la Imaginación*, Barcelona, 1977, pp. 169-77 e 91-124.

não fosse imediatamente aplicável, tendo uma confiança fanática na escolarização e na pedagogia.

São algumas formas de messianismo que carregam forças propulsoras e têm um caráter universalizante que permite superar antagonismos grupais, criando condições de entusiasmo fraternal entre os membros da comunidade. Provocam, assim, uma esperança numa Idade do Ouro, como recompensa do sofrimento acumulado pelo grupo.

No caso de Maria Lacerda de Moura, terminou a sua obra com uma conferência sobre o silêncio. Pareceu confirmar, com isso, a paralização das forças educacionais propulsoras que desenvolveu e desmistificou através da vida.

Texto apresentado na Mesa Redonda Utopias Educacionais Anarquistas, 23/7/1993.